

V-273,4,4, v. 1

Ao Illm. Sr. Don José Manuel Garcia,  
Como homenagem a seu esplendido  
talento, a sua vasta erudição e as  
excellentes qualidades que o caracter  
offerece este aproucado trabalho li-  
terario

O seu am. confr. e adm.  
José Maria Vethuda Silva

Rio de Janeiro 28  
de novembro de 1878

THESE

V-273,4,4, v. 1

# THESE

PARA

O CONCURSO DA CADEIRA

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

DO

INTERNATO DO COLLEGIO PEDRO II

POR

José Maria Velho da Silva



Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA CARIOCA

145 a 147 Rua Theophilo Ottoni 145 a 147

—  
1878

BIBLIOTECA  
BRAGA  
MUSEUM

1.622.850 AA

25/08/2022

LITTERATURA



QUARTA EPOCHA — SECULO XVII



# THESE

---

## LITTERATURA.

### I

#### Considerações geraes



seculo XVII distingue-se quasi exclusivamente pelas produções scientificas. Accumulam-se os descobrimentos no campo da sciencia. Manifesta-se a necessidade das associações dos homens doutos, e das gazetas litterarias. Desapparece o maravilhoso da idade media diante do desenvolvimento da razão.

A's creações da imaginação succedem as investigações e o conhecimento da verdade pelo raciocinio. Descartes, Neper, Pascal, Keppler, Gassendi, Leibnitz, Newton e tantos outros genios privilegiados trazem a intelligencia humana á comprehensão da realidade. Fundaram-se as academias. Em Portugal sentio-se a repercussão dessas instituções, mas sem a comprehensão scientifica dos paizes mais livres nas irradiações do pensamento e do sentimento.

A Inquisição e a Censura restringiam a liberdade das manifestações do genio, por isso as academias eram apenas um pallido reflexo do que se passava no gremio das associações scientificas dos outros paizes cultos. Portanto este seculo para Portugal, foi o seculo dos declamadores, porque não havendo liberdade intellectual a palavra mais ou menos ornada

era objecto, fôrma e intento do discurso. A insufficiencia da analyse e da concepção subjectiva manifesta-se no falso lyrismo culterano, nas epopéas historicas e na decadencia do theatro; finalmente, a época *seiscentista e arcadica*, caracteriza-se pelo desconhecimento total da tradição nacional, pela separação entre o escriptor e o povo, e pela inspiração indepedente dos successos e interesses da vida real. Taes são as causas da inferioridade dos *seiscentistas* e das suas aberrações.

El-rei D. Sebastião, neto de D. João III, havia perdido a vida em Alcaer-Kibir a 4 de Agosto de 1578; n'essa infausta jornada perdera-se a flôr da mocidade portugueza distincta já pelas lettras, já pelas armas. O luto e o desanimo pela perda de tantas esperanças abateram os vãos da litteratura que tão alto se ergueram no reinado de D. Manoel. Esses desalentos que entibiavam os animos, vinham já dos ultimos tempos do reinado de D. João III, que vacillante e tomado de visões e pesadelos introduzira no reino a Inquisição e com ella a Censura, bem como confiara quasi exclusivamente aos jesuitas a educação da mocidade.

As divisões e as lutas sanguinolentas entre as facções do cardeal D. Henrique e de D. Antonio, prior do Crato, enfraquecendo a nação e abatendo-lhe os bríos, abriram as portas do reino á dominação de Castella; assim em politica como em litteratura ficou Portugal submettido ao jugo de Hespanha. A lingua portugueza, como se vê no proprio Manoel de Galhegos que procura deffender-se e justificar-se por haver escripto na lingua patria, era tida pelos nobres e doutos como unicamente propria para ser fallada nas praças e pelo vulgo; a lingua hespanhola era da maior distincção e a unica propria para as produções litterarias.

Na primeira metade do seculo XVII revelam-se na Hespanha os grandes genios que deram esplendor e originalidade á sua litteratura, Cervantes, Ereilla, Guilhem de Castro, Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderon de la Barca, Gongera, Alarcon e muitos outros floresceram n'este periodo e muitas de suas obras tiveram as primeiras edições em Portugal.

Antonio Ledesma, fôra o chefe da escola intitulada — *conceptista* — que abandonando a naturalidade procurava de industria o artificio, andando á cata de pensamentos subtis e de agudezas, de metaphoras atrevidas, de antitheses e trocadilhos; foi este o preeursor de Luiz de Gongora y Argote que no encaço de João Baptista Marini, seu contemporaneo e

emulo poudo dominar as producções litterarias de seu tempo, teve seguidores entusiastas e fundou a escola, que de seu nome teve a antonomasia, e que tambem se appellidou *Cultismo*, ou *Culteranismo*. Todos estes desvários e anomalias levaram por descaminhos a lingua e a litteratura portuguezas. Os philologos para comprehenderem a lingua portugueza iam comparal-a com a castelhana.

Em 1631, Alvaro Ferreira de Vera publica uma *Orthographia e modo para escrever certo na lingua portugueza*. Neste escripto ha apenas um facto que deve ser referido, não pela importancia do problema senão para provar como o castelhano era lingua dominante em Portugal; é a incerteza da formação do plural dos nomes acabados em *ão*; Alvaro Ferreira de Vera resolve o problema, trazendo traslado para a lingua propria, d'aquella que lhe era peregrina; e põe as seguintes regras como preceito e norma á portuguezes. «Todas as vezes, diz elle, que na lingua portugueza acabar qualquer nome em—*ão*—, havendo duvida na fórma do plural veja-se como se termina na lingua castelhana, porque se acaba em *an* faz o plural em *anes*: como *capitan*, *capitanes*, *gavilan*, *gavilanes*, *allemán*, *allemanes*; assim o nome portuguez em *ão* faz o plural em *ães*: como *capitão*, *capitães*, *allemão* *allemães* etc. Quando o vocabulo portuguez acabado em *ão* corresponde ao castelhano em *ano* cujo plural é *anos*: como *villano*, *aldeano* que no plural fazem *villanos*, *aldeanos*, fará o plural em *ãos*, como: *villãos*, *villãos*; *aldeão*, *aldeãos* etc.; finalmente, terminando a palavra no castelhano em *on*, faremos o plural das nossas palavras em *ões*: como *sermon*, *opinion*, *coraçon*, que fazem *sermones*, *opiniões*, *coraçones*, diremos nós: *sermão*, *sermões*, *opinião*, *opiniões*, *coraçãos*, *corações*, etc.

Isto serve para nos provar dois factos: ignorancia do estudo historico-comparativo da lingua portugueza, indo assim buscar no castelhano que tanto como ella obedecen a transformação phonetica e morphologica do latim, regras e preceitos para dirigil-a; sem lembrar-se que ambos os idiomas para o plural dos nomes em *ão* foram buscar os suffixos latinos *nis*, como *panis*; *anus*, como, *manus*; ou *onem* no accus. e *one* no ablat. como *sermonem*, *sermone* etc., e sobretudo nos prova como a lingua castelhana estava arraigada e vulgarisada em Portugal no seculo XVII.

João Francisco Barreto escreve tambem uma *Orthographia da Lingua*

*Portugueza*; marcha no mesmo caminho de Alvaro Ferreira de Vera. Em uma palavra nenhum dos escriptores deste periodo suggere uma idéa nova, nem accrescenta um preceito além dos com rehendidos por Fernão d'Oliveira na sua *Grammatica* de 1536, nem na de João de Barros trez annos depois. Amaro de Roboredo foi o que no seu *Methodo grammatical para todas as linguas*, apresentou bom senso e bons desejos, sem que todavia levasse a effeito o seu projecto de ensino.

O padre João Ferreira d'Almeida apresenta a sua traducção da Bíblia: é este documento, da maior importancia para conhecer-se o estado da lingua portugueza no seculo XVII. Por longo tempo residio este ministro do Evangelho, em Batavia e por sua dilatada ausencia do reino salvou-se do *cultismo* dos *seiscentistas*; conservando as tradições populares empregou fórmulas vulgares que nenhum escriptor do seu tempo se atreveria a escrever, é por isso cheio de riqueza em seu vocabulario. De mais, a traducção da Bíblia presta-se a um severo estudo comparativo com as traducções do seculo XIV publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura e com a traducção do Padre Antonio Pereira, do seculo XVIII. É notavel este monumento litterario do seculo XVII. Eis como o Padre Ferreira d'Almeida traduz o apologo das arvores que queriam um rei:

« Foram uma vez as arvores a ungir rei sobre si; e diceram á oliveira: Reina tu sobre nós outros.

« Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam? e iria a labutar sobre as arvores?

« Então disseram as arvores á figueira: Vem tu, e reyna sobre nós outros.

« Porém a figueira lhes disse: Deixaria eu minha doçura e meu bom fruto? e iria a labutar sobre as arvores?

« Então disseram as arvores á videira: Vem tu, e reyna sobre nós outros.

« Porém a videira lhes disse: Deixaria eu meu mosto, que alegra a Deus e aos homens? e iria labutar sobre as arvores?

« Então todas as arvores disseram ao espinhal: Vem tu, e reyna sobre nós.

« E disse o espinhal as arvores:

« Se em verdade me ungis por rei sobre vós outros, vinde e confiae-vos debaixo de minha sombra ; mas senão, fogo saia do espirhal, que consumma os cedros do Libano. »

Este apologo é do Livro dos Juizes, cap. IX, v. 8-15 ; quando Joathão fallou aos Sichimitas, que iam constituir por seu rei, Abimelech.

## II

### Do cultismo na poesia portugueza

Havia-se constituido Gongora o patriarcha de uma nova escola que se appellidou *cultista* em contraposição á classica em que se procurou novo vocabulario, notavel pela estranheza e novidade das palavras, pelas forçadas e longas transposições, pelo abuso dos trópos e figuras, e pelo requintado artificio com que d'industria se procurava oppôr um estylo inchado, emphatico e contrafeito, ao dizer ordenado, harmonioso e correntio de uma elocução natural. Este lampejar deslumbrante, mas ephemero de imaginações ardentes, tinha alluciado e transviado muito entendimento valido, e o sentimento se esgarrara pelos mares empolados por onde singravam essas produções abstrusas do *marinismo* e *gongorismo*.

*Phenix Renascida*, assim se denomina a collecção que em cinco volumes fez no começo do seculo XVII, o livreiro Mathias Pereira da Silva. Este collector das poesias *seiscentistas*, andou recolhendo os innumerados manuscritos que andavam por mãos de particulares, o que lhe custou muito trabalho, segundo elle proprio nol-o diz.

E' este o repositorio das produções da época e que attestam a corrupção do gosto, as aberrações do sentimento e o desperdicio do tempo. Estes pequenos fragmentos nos darão ideia da concepção subjectiva dos poetas *seiscentistas*.

*Amante girasol, aguia das flôres  
Que com vista de bronze em olhos de ouro,  
Cantás no louro Deus o Deus do louro,  
Equats a suas luzes, seus ardores,*

E esta satyra

*Do quarto globo a gema nunca avara  
Que tem por casca o cêo, nuvens por clara.*

Tal era o lyrismo do seculo XVII bem representado, na obra que cuidadosamente colleccionou Mathias Pereira da Silva.

No meio deste desbarato do bom senso e destes desvarios do gosto litterario, appareceram alguns espiritos elevados que atravessaram incolumes os desaproveitamentos destes baldios e por lá encontraram terrenos de bom lavor, d'onde colheram á farta flôres para a phantasia e fructos para o entendimento, que tudo nos legaram elles pela belleza de seus pensamentos, bôa ordenação das rimas e pureza de dicção. Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel de Mello, merecem menção especial como esplendidos representantes do verdadeiro sentimento lyrico. Transviados da época anterior, vieram tarde para pertencerem á pleiade dos *quinhentistas*, e muito cedo para receberem todo o influxo da escola de Gongora e de seus adeptos.

### III

#### Poesia lyrica

FRANCISCO RODRIGUES LOBO. Nascou este poeta em Leiria, e era filho de André Lazaro Lobo e de sua mulher D. Joanna de Brito Gavião, pessoas nobres e opulentas; consta que frequentára a universidade de Coimbra, onde se graduára em direito e que morrera afogado no Tejo entre os annos do 1623 a 1627, indo de Santarem para Lisbôa, segundo nol'ô dizem o Padre Mançel da Esperança e Frei João de S.

José Queiroz, bispo do Pará; consta tambem que amára estremosamente uma dama do palacio do duque de Caminha. Nada mais se sabe ácerca do poeta. Escreveo eglogas e romances pastoris intercalados de prosa e verso á imitação dos de Sannazaro e de Fernão Alvares do Oriente, escreveo mais a *Côrte n'Aldeia* obra mora' modelada pelo *Cortegiano* de Balthazar Castiglione, encerra proveitosas lições de moral, bons conselhos e reflexões sobre todos os passos da vida, tem vivacidade no dialogo, e linguagem fluente. E' a sua maior obra em prosa e um dos melhores modelos de lingua portugueza. Escreveo uma epopéa, cujo heroe é D. Nuno Alvares Pereira, o *santo condestabre* das lendas. A corda de seu instrumento não tinha afinação épica, por isso falseou-lhe o tom. Pode, porem, ser lida pela importancia do heroe, pela correcção e melodia de seus versos.

Suas eglogas, romances e a *Primavera*, são bellas manifestações de seu distincto talento poetico. O caracter porem de seus pastores, longe da singeleza campesina, é por demais culto, ostentando o tom dogmatico e a erudição philosophica.

De parceria vac elle neste descuido com quasi todos os bucolistas até o proprio Virgilio. *Primavera*, é o titulo de trez novellas pastoris; é esta producção do suavissimo poeta, seu maior padrão de gloria. Faria e Souza lhe irrogou levianamente a accusação de plagiario de Camões, é porem infundada semelhante accusação. Não esqueceu Rodrigues Lobo a tradição popular, conserva o espirito quinhentista, é por isso o lyrico mais completo e apaixonado de seu seculo. Exprime seus sentimentos na poesia das *Serranilhas*, que ainda era tradicional como poesia peninsular.

*Levantaram logo  
Aquelle outro canto  
Que ao som do rabil  
Cantam os serranos, etc.*

A tradição communica-lhe todo seu vigor, e o poeta comprehende a verdade d'arte e eleva-se a altura dos maiores lyricos do seculo antecedente, dá á suas poesias o nome de *endechas*, como os antigos :

*Quem poz seo cuidado  
Em pastora loura,  
Não veja a lavoura,  
Nem sirva o arado.*

*Nem jamais se empregue  
Em lavrar abrolhos ;  
Semêe em seos olhos,  
E em seus olhos ceque, etc.*

Assim são as suas *endechas*, cheias de naturalidade e melodia; sua individualidade é admiravel, pelo bom senso, conservando as tradições patrias e salvando-se do naufragio litterario em que se afundaram e desapareceram tantos escriptores do seculo XVII.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, nasceo em Lisboa em 1611, estudou com os jesuitas e seguiu a carreira das armas; chamado á Hespanha militava na Catalunha, quando rompeo o brado da restauração portugueza em 1640, foi recolhido á uma prisão por ordem do duque de Olivares, posto em liberdade passou-se á Hollanda e d'ahi a Lisboa. Por espaço de trez annos gozou da privança do monarcha, por cuja ordem foi encarcerado na Torre Velha onde jazeo por nove annos. Depois de longos soffrimentos foi-lhe commutada a prisão em degredo temporario para o Brazil, que cumprio com a maior resignação, recolheo-se á patria e falleceo á 13 de outubro de 1666. D. Francisco Manoel de Mello foi de todos os poetas do seculo XVII, aquelle que mais soffreo a arbitrariedade humana, era necessario uma organização fortemente constituida para não ter cahido em hallucinação e para ser, apesar de tudo, o melhor lyrico de seu tempo em Portugal. Pertence ao numero dos poucos poetas que conheceram as tradições populares e nacionaes. Suas obras poeticas mostram que a superioridade que tem, veio de uma fonte desconhecida pelo seu tempo. No seu excellente Auto do *Fidalgo Aprendiz*, entre muitas ha uma scena que rivalisa com as melhores de Gil Vicente

.....  
Brites : Isto foram meus peccados?  
Vós, cuidado, que estaes zombando;  
Ora dizei

Gil : Já me estanco.  
*Gavião, gavião branco,  
Vae ferido, vae voando....*

Brites : Hui pelo passaro mauco.  
Sabeis algum ao divino?

Gil : Sei.

Brites ;           Dizei  
 Gil:                Pois é famosa :  
                       Andorinha gloriosa.  
 Brites: Tendes cousas de menino.  
 Gil :           Sou todo amor, minha rosa.

D. Francisco Manoel de Mello explica como e porque meios se quiz libertar do estylo e lingua castelhana e romper com os absurdos seiscentistas. As consequencias deste esforço para inspirar-se das tradições nacionaes são admiraveis e fazem deste poeta o maior lyrico do seculo XVII. Seus sonetos são primorosos, suas eglogas e cartas em redondilha, tem o primor das poesias dos quinhentistas. *O canto de Babylonia*, é uma de suas poesias lyricas do mais alto merecimento. E' a paraphrase do psalmo CXXXVI: *super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus...* que já havia Camões paraphraseado em redondilhas. São as do poeta de que tratamos, como seguem .

Sôbolas as aguas correntes  
 De aquelles rios cantados,  
 Que a Babylonia levados  
 Com lagrimas dos ausentes  
 Chegam ricos e cansados ;  
 Uma tarde me assentei  
 Cheio de dor e fadiga,  
 E hoje, do que lá passei  
 Me manda o tempo que diga  
 Quanto em lagrimas direi.

Espalhei meo triste canto  
 Pelas desertas arêas ;  
 Os olhos foram as vêas,  
 A musica foi o pranto,  
 O instrumento as cadêas *etc.*

E' incontestavel porém, a influencia da corrente das ideias do seculo e o arrastamento para ellas ainda aos espiritos mais rectamente constituidos, D. Francisco Manoel de Mello eminente lyrico, distincto cultor dramatico da escola de Gil Vicente, e historiador de grande criterio, aceitou e exerceo o lugar do presidente da *Academia dos*

*Generosos*, fundada por D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante mór de D. João IV e guarda-mór da Torre do Tombo, em 1647; em cujo gremio se discutiam as theses mais futeis e baldias e se inventavam e escreviam : annagramas, acrosticos, labyrinthos, obeliscos e pyramides, tornando assim a poesia um artificio ocioso e disparatado. A esta academia succedeo outra em 1663 que se intitidou — *Academia dos Singulares*. Os cinco volumes que imprimio, de suas produções só nos atestam a comprehensão desordenada da poesia. D'entre os membros d'esta academia devemos porem exceptuar André Rodrigues de Mattos pela sua traducção da *Jerusalem Libertada* e Manoel de Galhegos autor da *Gigantomachia* e do *Templo da Memoria*.

## IV

## Poesia épica

Trataremos ainda que, muito perfunctoriamente, das principaes epopéas deste periodo. Em todas estas longas composições da escola *cultista*, predomina o elemento historico : e é muito digno de reparo o vêr-se, que n'uma época de artificios e vaniloquios litterarios e quando Portugal, sem independencia, jazia sob o jugo de Castella, surgissem tantas epopéas nacionaes. Parece que lhes era allivio para magoas e pesadumes o recordar façanhas e hombridades de avoengos. Entre estas diversas epopéas merecem ser especialmente lembradas : a *Ulysséa*, de Gabriel Pereira de Castro, a *Malaca Conquistada*, de Francisco de Sá de Menezes, e o *Affonso Africano*, de Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco.

O elemento historico das epopéas culteranas parece ter por fonte a *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito, onde se iam encontrar as fabulas de Ulysses, ligadas ás origens ethnologicas da nacionalidade e as aventuras de Viriato aos costumes imaginarios de Hercules.

Todos os poemas épicos do seculo XVII, são baseados sobre a formação da nacionalidade portugueza.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, é o grande épico que o seculo XVII, ainda hoje offerece à nossa admiração. Este poeta descendente de uma familia distincta, nasceo em Braga a 7 de fevereiro de 1571, anno anterior ao da publicação dos *Luziadas* de Camões, cuja gloria pareceo offuscar o poeta e tinha-o como a lhe disputar preferencias. Dos bancos da academia de direito subio ao magisterio, foi Dezembargador da relação do Porto, depois da de Lisbôa, Corregedor do Crime da Côrte e Casa, e finalmente Chanceller-mór do reino.

Foi tido como distincto juriconsulto; desmereceo porém no conceito dos seus contemporaneos por ser partidario da causa de Castella. Falleceo em 18 de Outubro de 1632. Escreveo importantes obras juridicas muito consideradas pelos competentes. Diz Innocencio da Silva, que escrevera dous volumes de poesias denominadas *Obras Poeticas em diversas linguas*, que se conservam manuscritos.

Em tudo manifestava sua grande sympathia pela Hespanha, admirava com enthusiasmo seus escriptores. Affincado partidario da escola de Gongora, fez quanto lhe cabia em posses para naturalisar-lhe o estylo considerado, a mais levantada expressão do que se denominava *cultismo* ou *culteranismo*, e na opinião dos criticos é tido como genuino representante da segunda escola hespanhola.

A *Ulysséa* é um poema épico de oitava-rima, em dez cantos; seu assumpto é a edificação de Lisbôa por Ulysses.

E' lamentavel, porém, que esta obra em que seu autor parece ter empenhado forças para que lhe sahisse da melhor feição, seja absolutamente destituida de originalidade. Andou elle respigando pelos campos de alheio labor; entre os poetas antigos e modernos foi encontrando gemmas para o seu mosaico. Ergeu-se lhe diante o vulto de Homero, na pintura do character de Páris, jaclancioso e pusilânime, assoalhando façanhas e fugindo sempre covardemente diante de Meneláu. No combate contra Achilles e Heitor é de um engenho verdadeiramente maravilhoso: estes inimigos não se temem, res

peitam-se, são de igual pujança no jogo das armas, fica-se perplexo nas peripecias e nos resultados da luta dos dous heroes.

Depois de Homero, de Virgilio e Dante haverem descripto o inferno, é admiravel que Gabri Pereira de Castro, ainda encontre côres que apavoram e com ellas nos descreva aquelle antro de gemidos e de dores eternas, de modo que inspira interesse e põe medo. E' no quarto canto este episodio, o argumento, é o seguinte: Ulysses acompanhado de Cyrce que lhe mostra o escuro Averno, vê no Elysio o futuro que o fado tem guardado ao alto governo de Lisboa, vio Anticlea, deixa o triste inferno, e da região sombria volve ao mundo pela eburnea porta <sup>1</sup>.

*Do Canto IV*

*Est. XV*

Proserpina triforme, triste esposa  
Do grão Plutão, em cuja monarchia  
Coube a parte do mundo tenebrosa,  
Que com seus raios não visita o dia;  
Eterna noite aos homens temerosa,  
Filha do chaos, em cuja sombra fria  
Nocturnas aves as regiões serenas  
Cortando vão com carregadas pennas.

*Est. XXXIV*

Alli um grão portal se vê cortado  
Em penha viva aonde a vista alcança  
N'um bronze, em letras igneas entalhado:  
Quem entra, deixa aqui toda a esperança <sup>2</sup>,  
Alli se via Cerbero indignado,  
A quem de massa soporosa lança.  
Cyrce grão parte, e logo resupina  
A triforme cabeça a fera inclina.

<sup>1</sup> Damos apenas tres cantos por nos não permittir mais o tempo nem o espaço.

<sup>2</sup> Posto não o diga o autor esse verso é traduzido deste outro, bem conhecido, do Dante.

## Est. XXXIX

Alli se vêm Harpias, indomadas  
 Centauros, vêm-se Gorgonas temidas,  
 Soberbos Giriões, que lovantados  
 Troz almas mostram ter n'um corpo unidas.  
 Sibilam Hydras, e Pitões irados,  
 Briareos, Ephialtes homicidas ;  
 Sem se poder julgar n'esta incerteza .  
 Se é mór a fealdade, se a fereza.

E' sem duvida este poema o primeiro depois dos Luziadas na litteratura portugueza.

São bem deenhados os caracteres, animadas as descripções, deliciosas as imagens, variados os episodios; interessante a acção e cuidada a dicção. A escola, porem, a que se filiára o poeta foi-lhe semcando aqui e ali, maculas, e deslustrando assim a tela tão cuidadosamente entretecida. Abusou de antitheses e de hyperboles, epithetos superabundantes e nem sempre bem cabidos e interminaveis hyperbatons, e metaphoras arrojadas apparecem á farta na *Ulyssea* ou *Lisbôa edificada*.

FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES, não se sabe ao certo o anno de seu nascimento, julga José Maria da Costa e Silva, que fôra pelo começo do seculo XVII, era da cidade Porto e sobrinho de Sá de Miranda. Fez vantajosamente seu curso de humanidades e foi profundo no grego e latim e em outros idiomas modernos. Casou-se com sua prima, D. Antonia de Andrade, senhora dotada de peregrina belleza e cultura de espirito.

A perda da esposa a quem idolatrava mergulhou-o em profunda tristeza, e renunciando o mundo, honras e considerações de que gozava, recolheu-se ao mosteiro de Bemfica, onde tomou o habito dominicano com o nome de Frei Francisco de Jesus. Foi um modelo de virtudes, fallecendo em 11 de Dezembro de 1644.

Consta que escrevera varias poesias e uma tragedia intitulada — *D. Maria Telles* — que se conservava manuscrita, desaparecendo por occasião do terremoto de 1755.

A *Malaca conquistada pelo grande Affonso de Albuquerque*, que foi impresso em 1634, é a sua obra monumental. E' um poema épico em 12

cantos de oitava-rima, precedido de diversas poesias em louvor do poeta e algumas por D. Bernarda Ferreira de Lacerda, assim como são da mesma senhora os argumentos que precedem os cantos. Vem aqui de molde o dizermos, que esta poetisa é autora de varios romances em castelhano e d'outras poesias na mesma lingua, na portugueza, italiana e latina, tudo com o litulo — *Saudades do Bussaco*. Era contemporanea de outra matrona respeitavel, soror Violante do Ceo, dominicana professa e autora distincta de muitas poesias mysticas.

A acção do poema de Sá de Menezes, tem a necessaria grandeza épica, tal é a conquista e tomada a força d'armas da metropole de toda a India transgangelica em 1510 pelos portuguezes. Malaca por sua posição e pujança de seus habitantes era difficilima empreza e da maior importancia porque ia abrir a Portugal a navegação e commercio da China, Arabia, ilhas Philippinas e Molucas. E' rigorosamente observada a unidade de acção; seus episodios apresentam a necessaria variedade e esmero e são judiciosamente travados. O heroe é de um caracter nobre e magestoso, superior a Vasco da Gama, é Affonso d'Albuquerque, diz Costa e Silva, o unico homem que nas conquistas do Oriente não se maculára com depredações e crueldades. Os caracteres secundarios e subordinados a acção, a mor parte das vezes descurados, são neste poema esmeradamente tratados, Aladino, Gueimal, Garcia, Jayme, Etol, Thitonia e Glaura são ficções que nos abonam a imaginação do poeta. E' digno de admiração este poeta na pintura dos usos e costumes do Oriente, seus ritos e cerimoniaes religiosas, são pintados por mão de mestre.

Em geral o estylo deste épico, sem que seja vulgar, não é levantado e vivo; porem, quando descreve as tormentas em alto mar, as batalhas sanguinolentas, a catastrophe dos companheiros de Diogo de Siqueira e os infortunios de Glaura, assume todo o calor e vehemencia do artista que se inspira para suas enarguças. Bastava o seu maravilhoso para encher-nos de admiração, é inteiramente novo na litteratura portugueza. E' elle o primeiro que renunciando a theogonia, do paganismo para tal fim, vae pedir ás verdades do Christianismo o sobrenatural para o desenlace das posições difficeis. Seus quadros eroticos são cheios de decoro, não teem os laivos que por vezes desairam os do proprio Camões. Em contraposição ás virtudes que acabamos de expôr apparecem os deleixos

e tibiezas, que veem como contraste ás perfeições humanas e sempre á competencia com o que temos por mais aprimorado.

E' por vezes descurado na fôrma d'onde vem certa frieza d'estylo que uma outra vez o aproxima da prosa, parece que queria no estudo dos quinhentistas libertar-se do *culteranismo* seiscentista, não o alcançou; tem superabundancia de epithetos, metaphoras improprias, trocadilhos e conceitos alambicados. O poema apresenta mais, alguns erros de metrificacão e até de linguagem, talvez devidos a descuidos de copistas ou erros de impressão.

Eis em resumo o argumento do 1º canto.

Affonso de Albuquerque avista os baixos da Capacia, cresce-lhe vento contrario, desiste do intento por causa da tempestade, arriba, amanhaece o sol: apparece-lhe em sonhos o Santo esquadrão que o exhorta á conquista de Malaca; Asmodeo intenta impedir a empreza, segue Garcia a armada portugueza.

#### Do Canto I

##### *Est. II*

As armas canto, e o grande cavalleiro  
Que ao vento velas deo na occidua parte,  
E lá, onde infante o sol dá luz primeiro,  
Fixou das Quinas santas o estandarte.  
E com affronta do infernal guerreiro,  
(Mercê do céu) ganhou por força e arte  
O aureo reino, e trocou com pio exemplo  
A profana mesquita em sacro templo.

##### *Est. V*

E vós da nossa idade alta esperanza,  
Tão esperado Alcides luzitano,  
Para quem guarda o Céu alta vingança,  
Com maiores acções que as do Thebano,  
Vibrando a espada, ou já brandindo a lança,  
Vestindo o arnez que vos forjou Vulcano  
Do portuguez valor ouvi o preço  
No canto, que em primicia vos off'reço.

VASCO MOUSINHIO DE QUEVEDO E CASTELLO BRANCO, natural de Setubal; ignora-se o anno de seu nascimento e de sua morte, apenas consta que se graduara um direito civil e canonico em Coimbra e que fôra advogado. Escreveo um *Discurso sobre a vida e morte de Santa Izabel, rainha de Portugal*, e outras rimas; um poema em seis cantos á Filippe III, por sua entrada em Lisboa. O *Affonso Africano, poema heroico da preza d'Arzila e Tanger* em doze cantos de oitava-rima, impresso em 1611, é a obra que lhe deo o nome entre os litteratos do seculo XVII.

Este poema é mais historico do que épico que requer grandeza maxima, importancia e interesse da acção. A tomada d'Arzila e Tanger, assumpto do poema, é de importancia secundaria, e D. Affonso V, heroe da acção não está tratado na devida altura, assim como é descorado o dezenho dos outros personagens subalternos. O magico Eudolo no seu antro escuro e tetrico e com os seus esconjuros aos campos de Alcacer-Kibir, é tudo isto da mais disparatada opposição ao preceito da verosimilhança tão recommendado.

Os episodios são quasi sempre desligados da acção; e mal cabida é a historia da trasladação do corpo de S. Vicente para Lisboa, por occasião da passagem da esquadra á vista do Cabo d'este nome. E' de modo estranho superabundante de metaphoras e allegorias. Figura em Arzila sete cavalleiros filhos do governador, symbolisando os sete peccados mortaes e no campo dos christãos outros sete cavalleiros representando as sete virtudes cardeaes, seguindo-se a luta entre estas verdadeiras antithesis, terminando pela victoria da temperança que mette uma espada pela bocca da gula. E' porém maravilhoso, Quevedo, no talento descriptivo, pinta os combates em primorosas enarguéas, tanto mais para admirar quanto não consta que assistisse a um só combate. Seu estylo é esplendido, seus quadros são opulentos de colorido e de vivacidade; cultor da forma, não curou de dotes intrinsecos, nem cuidou do preceito das unidades por isso a acção vae muita vez ás tontas por caminho errado.

Eis como começa o poema :

## Do Canto I

## Est. I

Eterno Ser, que a quanto cá respira,  
 Primeiro vigor daes, primeiro alento,  
 Se é debil o alvedrio, quando aspira  
 A sahir com algum formoso intento,  
 Quem por vós chama, quem por vós suspira  
 A seu desejo faz bom fundamento ;  
 E eu se vos acho em favor propicio  
 Lanço a primeira pedra no edificio.

## Est. II

As armas e o varão illustre canto,  
 Que d'Africano tem insignia e nome  
 Cuja alta fama será viva em quanto  
 No dourado horizonte o sol assome.  
 Onde começarei que o grande espanto.  
 Me tem suspenso, que principio tome  
 Em tantas obras, qantas me apresenta  
 Vivo calor, que mais e mais se augmenta.

Por este periodo vieram a lume outras epopéas historicas, das quaes daremos noticia apenas, porque a falsa comprehensão d'arte pelos *cultistas* e seus seguidores tinha transviados bons espiritos e tiraram á suas obras as condições de vitalidade, e porque tambem a estreiteza do tempo não nos dá para mór tentativa. No seculo de que tratamos, Braz Garcia de Mascarenhas escreveu o *Viriato Tragico*, o Padre Francisco de Souza—o *Oriente Conquistado*, Jeronymo Côrte Real—o *Naufragio de Sepulveda*, Manoel Thomaz—a *Insulana*, D. Bernarda Ferreira de Lacerda—*A Hespanha restaurada*. E ainda muitos outros de somenos merecimento.

## Poesia dramatica

Fôra o seculo XVII, uma época de verdadeira decadencia para o theatro portuguez. . Haviam-se esquecido todas as tradições nacionaes e litterarias. Os autos de Gil Vicente e da sua escola, que trasladavam para a scena os usos e costumes populares, e que deveriam ter fundado o theatro nacional, já mesmo no seu tempo iam sendo esquecido pela chamada escola classica de que eram representantes Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda e Antonio Ferreira.

As fontes caudaes daquelles fecundos genios se haviam estancado, ao passo que a Hespanha ia aproveitando suas tradições legendarias para crear seu notavel theatro nacional. Por este tempo era o *Pateo das Arcas* o lugar onde se davam representações, que protestavam contra o bom senso litterario e o gosto artistico. Havia erronea comprehensão da arte dramatica, mas o povo ia frequentando e applaudindo estas anomalias, como vemos pelo proprio testemunho de D. Francisco Manoel de Mello, que dizia na sua *Carta de Guia dos Casados* « Mulheres ha, destas appetosas, que por um *bonifrate* venderão um padrão de juro da Camara. » A lingua e a litteratura portugueza se haviam transviado pelas causas que anteriormente ficaram expostas.

Tornou-se o theatro uma instituição pia, Philippe II por um alvará de 20 de Agosto de 1588 concedeo ao Hospital de Todos os Santos o privilegio de não deixarem representar comedias sem sua licença, com direito á parte dos proventos dos espectaculos. Companhias ambulantes vinham dar representações em hespanhol. As *Tragi-Comedias* dos jesuitas eram tiradas de passagens da Biblia. No *Index Expiatorio* de 1624, procura-se extinguir o theatro na-

cional, condemnando as obras de Gil Vicente, de Antonio Ribeiro *Chiado* e dos outros escriptores desta escola. Introduzem-se as representações de *bonifrates* e *titeres*, peças burlescas que faziam rir e nem sempre havia respeito ao decoro nas allusões e trocadilhos. Entretanto o povo applaudia todos estes descachimentos de sua gloria litteraria ; é porque, os homens são para as épocas em que nascem.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, de quem já nos occupámos em outro lugar, foi o unico escriptor deste genero, na época, que teve a intuição verdadeira da arte e inspirou-se na tradição de Gil Vicente e da sua escola. O *Fidalgo Aprendiz* é um auto dividido em *jornadas*, em redondilha que era o verso peninsular recebido dos provençaes, elaborado e naturalizado desde os primordios da monarchia e do genesis da lingua e litteratura portugueza.

E' figura principal um D. Cogominho de fidalguia recente, que minguado de recursos faz quanto póde ou ainda o que não póde, para frequentar a cõrte, e não tendo origem conhecida falla sempre com despejado entono, do lar e solar de seus avoengos. Affonso Mendes é o typo do creado astuto e sagaz serve ao fidalgo, e ainda que por modica quantia, não lhe vae ella ás mãos, por isso e para vingar-se, arma uma cilada ao amo propondo-lhe um casamento com uma dama de nome Isabel que não gozava da melhor fama. Ha uma scena entre o fidalgo e um mestre de esgrima cheia de verdadeiro sal comico. Os dialogos são vivos e correm com brevidade e expressão. A elocução é portugueza de lei, e todo o *auto* é cheio de annexins e proverbios assim como de quadros de costumes nacionaes. E' pois, o auto do *Fidalgo Aprendiz*, a unica peça travada, sustentada e desenvolvida preceituosamente e tambem a unica que se salvou do naufragio, entre o diluvio de composições hybridas que se afundiram no esquecimento.

## VI

## Historia

DIOGO DO Couto, nasceu em Lisboa em 1542. Ainda na juventude entrou para o serviço do infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel. Foi collega em estudos de D. Antonio, prior de Crato e discipulo de D. Frei Bartholomeo dos Martyres. Seguiu a carreira das armas e servio na India por espaço de 8 annos. De volta á patria fôï nomeado guarda-mór da torre do Tombo, chronista do Estado da India e encarregado de continuar as *Decadas* de João de Barros. Falleceo com 74 annos. Além das *Decadas* escreveu mais um livro curioso e cheio de boas maximas que tem por titulo o *Soldado Pratico*, que se conservou inedito por mais de dous seculos, sendo ultimamente impresso por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Outras obras que dizem escrevera, ou desapareçam, ou estão enterradas entre os manuscriptss reconditos das bibliothecas.

As *Decadas*, immorredouro padrão das glorias portuguezas é um dos mais grandiosos escriptos de sua litteratura ; haviam ficado incompletas, tendo chegado o insigne estylista, cognominado Tito-Livio portuguez, a 4ª *Decada* foi colhido pela morte em 1570 na idade de 75 annos. Bem auspiciada foi a nomeação de Diogo do Couto para este magno emprehendimento. Dotado de grande espirito de observação e de analyse, conhecedor do theatro onde se tinham operado as façanhas portuguezas, sabendo conciliar a gravidade e imparcialidade da historia com o patriotismo bem entendido ; ninguem era mais idoneo para tal encargo. Considerado pelo lado do esplendor do estylo e da pompa verdadeiramente épica, é-lhe João de Barros, de incontestavel superioridade, porem se tivermos diante dos olhos a substancia, a exposição dos factos, a dedução logica das causas, a singeleza da narração e a impar-

cialidade do historiador não deixaremos de considerar Diogo do Couto como um narrador verdadeiro e cheio das grandes qualidades que o genero historico requer. «Se o estylista, diz um critico, não pôde igualar a João de Barros, o historialor, o narrador e o apreciador dos factos não lhe é inferior, mas até mesmo o excede.»

Cumpre dizer que fóra das obras deste auctor que se julgam perdidas, conhecem-se as seguintes.—*Vida de D. Paulo de Lima*, capitão mór da India.—*Relação do naufragio da náu S. Thomé e a Falla, em nome da camara de Gôa, dirigida a André Furtado de Mendonça*. Desde que tomou a si o commettimento, até 1616 em que falleceo, completou Diogo do Couto sete *Decadas*, divididas em muitos livros, o que mostra seu grande amor ao trabalho e sua exiraordinaria fecundidade, juntando a semelhante labor o tempo gasto em procurar, consultar e combinar documentos para a verdade historica. E' de justiça dizer-se que muitas vezes deo com o seu baixel nas sytes do *culteranismo*; repetidas hyperboles, superabundantes epithetos, metaphoras sem rigorosa relação de semelhança, distanciados hyperbatons, e quejandas exerescencias da escola de Gongora, aqui e alli surgem na obra monumental do distincto historiador do Seculo XVII.

FREI BERNARDO DE BRITO, chamou-se no seculo Balthazar de Brito e Andrade, nasceo em 1569, na villa de Almeida. Ainda menino acompanhou seu pae o capitão Pedro Cardoso, a Flandres e a Italia onde foi mandado servir. Na Italia estudou humanidades, e deo-se com grande profundidade e maior aproveitamento ao estudo das linguas grega, hebraica, chaldaica e syriaca, estudando de egual modo alguns idiomas modernos. Cultivou a poesia, deixando-nos bom testemunho na sua lyrica denominada.—*Sylvia de Lysardo*—.

Procurou o claustro, entrando para a ordem de S. Bernardo, onde professou em 1585, contra a vontade de seu pae, que desejava applicar de outro modo seu grande talento e vastissima erudição. Foi nomeado chronista da Ordem, escreveu a *Chronica de Cister*, classificada por Costa e Silva como a obra mais bem acabada, nesse genero, que possui a litteratura portugueza. Em 1612 foi nomeado chronista mór do reino e encarregado de escrever a vida d'el-rei D. Sebastião, consta que o fizera escrevendo-a em um volume que nunca foi impresso.

Escreveo tambem outra obra que se crê perdida, que intitulara *Tractado da Republica antiga da Lusitania*, dedicada á Serenissima Senhora infanta D. Izabel Clara Eugenia, em 21 de Março de 1596.

Os *Elogios dos reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos que se poderam achar, dirigidos a el-rei catholico D. Philippe, terceiro de nome*, sahiram impressos em 1603. Resistio sempre aos que lhe pediam que escrevesse suas obras em castelhano, dizendo « *que seria indigno do nome portuguez em ter tão pouco conhecimento da lingua patria que a julgasse por inferior á castelhana.* » Gozou Frei Bernardo de Brito da maior consideração, foi doutor em theologia pela universidade de Coimbra e exerceo lugares de summa importancia. Falleceo na sua villa natal em 1617.

Sua principal obra é a vasta compillação historica que tem por titulo—*Monarchia Lusitana*—cuja primeira parte foi impressa em 1597, com um apenso que tem por titulo—*Geographia Antiga da Lusitania*, e a segunda doze annos depois—1609.

Foi buscar a origem de Portugal na criação do mundo, accumulando prodigios de erudição.

E' este infatigavel escriptor acimado de não possuir os dotes de critico, de nimamente credulo, de accomodar documentos a serviço de seu intento, e até, de falsifical-os, mas tambem manda a boa razão que se attenda aos tempos em que as ficções vinham em prova de factos historicos e por isso podiam tambem não ser puras as fontes que lhe eram subsidios.

Na obra de Frei Bernardo de Brito, descobre-se a intenção de provar, que Portugal tivera existencia autonómica desde as mais remotas eras e que os dous povos ainda que habitantes da mesma peninsula tinham condicções diversas. Se considerarmos que Frei Bernardo, escrevia este seu pensamento sob o jugo da soberania de Hespanha e que offerecia sua obra ao rei hespanhol, é facil de vêr-se que sentimentos patrioticos o dominavam. A ordenação e nobreza de seu estylo, a correcção e pureza de sua phrase, o bem acabado e o todo harmonioso de suas clausulas, o animado na exposição dos factos e colorido de linguagem, fazem desta obra um primor de vernaculidade.

FREI LUIZ DE SOUZA, no seculo Manoel de Sousa Coutinho, nasceu em Santarem em 1555, segundo uns e segundo a opinião de outros biographos em 1557-1559. Foi o quarto filho de Lopo de Sousa Coitinho e de sua mulher D. Maria de Noronha, pessoas nobres e de merecimento. Applicou-se aos estudos de humanidades, tendo de casa os exemplos pois que seu pai era homem de letras e fôra autor de algumas obras, entre ellas — a *Historia do primeiro cerco de Diu*. Seguiu a vida das armas e findos os seus estudos alistou-se na ordem de Malta. Foi aprisionado pelos mouros e levado para Argel, onde permaneceu por dois annos, sendo ali companheiro de infortunio de Miguel Cervantes, que mais infeliz, teve um captivo de cinco annos, servindo a trez senhores n'esse desditoso periodo. Foi resgatado, regressou a Portugal pela Hespanha, e casou-se com D. Magdalena de Vilhena, que fôra casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, que passava por morto na batalha de Alcacer-Kibir.

As circumstancias de seu consorcio e suas relações em Argel com Cervantes, fizeram de Manoel de Sousa Coitinho uma individualidade legendaria. Frei Antonio da Encarnação no prologo da segunda parte da *Historia de S. Domingos*, conta o facto da maneira seguinte: « Estando D. Magdalena na sua quinta d'Álmada a conversar com frei Jorge Coitinho, irmão de Manoel de Sousa Coitinho, que então se achava ausente, deram-lhe recado que lhe desejava fallar um peregrino chegado de fóra do reino, introduzido, disse este que vinha de Jerusalém, onde fôra ter com elle um portuguez e lhe pedira, sabendo que partia para o reino, que procurasse por D. Magdalena, e se fosse viva lhe dissesse que ainda por lá vivia quem della se lembrava. Ficou D. Magdalena sobresaltada, e inquerindo do peregrino, que estatura de corpo, feições e cor do rosto tinha o homem que lhe dera o recado, tudo que a tal respeito foi por elle descripto quadrava ao vivo com a pessoa de D. João de Portugal. Teve D. Magdalena um desmaio; o que vendo frei Jorge, levou o peregrino para uma sala, onde entre outros retratos, se achava o de D. João de Portugal, e disse-lhe: se virdes a imagem do homem que vos deo o recado em Jerusalém conhecel-c-ias? Respondeo o peregrino que sim; e correndo os olhos pelos retratos apontou sem demora para D. João de Portugal: — é aquelle — e despedio-se. » — Quando voltou Manoel de

Sousa Coitinho deo-lhe D. Magdalena de Villena conta do succedido, e ambos por instigações d'este, tomaram o accordo de separar-se para sempre, entrando elle para o convento de S. Domingos de Bemfica, onde a cabo de um anno de n.ºciado professou a 8 de setembro de 1614, e ella para o mosteiro do Sacramento, onde professou na mesma data com o nome de Soror Magdalena das Chagas. Nem d'ahi em diante se viram mais, nem se quer escreveram. »

E' este o unico fundamento escripto desta pungente e dolorosa tradição, que ainda hoje enche de amargura os corações sensiveis.

A catastrophe sombria dos malfadados esposos deu assumpto ao immortal João Baptista d'Almeida Garrett para o drama mais inspirado e perfeito de que se honra a scena portugueza, o *Frei Luiz de Souza*.

Na sua reclusão voluntaria viveu ainda este martyr da honra e da consciencia pura da dignidade, desenove annos, recusando todos os cargos excepto o de chronista, nesse labor, falleceu em 1632. Deste eximio escriptor da lingua portugueza e um dos primeiros classicos, a unica obra original que possuímos é a que se intitula: *Annaes d'el-rei D. João III*, que se conservaram ineditos, até que em 1844 o finado historiador Alexandre Herculano os fez dar á estampa precedendo o livro de considerações como podia e sabia fazer o grande vulto litterario, o gigante da lingua e da litteratura portugueza dos tempos novos.

*A vida de D. Frei Bertholomeo dos martyres, da Ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Bruga, Primaz das Hespanhas, repartida em seis livros com a solemnidade da sua trasladação*, foi escripta em lingua castelhana por Frei Luiz de Cácegas, e *reformada no estylo e ordem, e ampliada em successos e particularidades* por Frei Luiz de Sousa e foi impressa pela primeira vez por Nicoláo Carvalho, estabelecido na antiga villa (hoje) cidade de Vianna no anno de 1619. Por sua grande modestia e sublime humildade quiz apresentar-se como mero compillador, quando elle refandindo o magro arcabouço de Cácegas deo-lhe magestosa fórma litteraria vestindo-o e adereçando-o de louçainhas, ampliando-o, corrigindo erros e pondo-o digno de apparecer disputando preferencias ao que de melhor se apresente na linguagem vernacula.

*A Historia de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal* por Frei Luiz de Cácegas, chronista da ordem, *reformada em estylo*

e ordem e ampliada em successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, foi impressa a primeira parte no convento de Bemfica em 1623, a segunda em Lisboa em 1662 e a terceira em 1678.

Esta obra que é um dos maiores padrões conhecidos da gloria da litteratura portugueza, está nas mesmas condições da antecedente acerca de Cácegas e do seu confrade portuguez. A descripção do convento de Bemfica pôde ser typo para o genero descriptivo dos poetas. Descrevê todos os accidentes do terreno em que está sito o mosteiro, sua vasta cerca, o valle formado por dous verdejantes outeiros, em um dos quaes está edificado o convento, o ribeiro que murmura e foge por uma estreita garganta, a frescura das aguas das fontes, derramando-se em lagos, as arcadas, a sombra das arvores, os fructos que dellas pendem, o florido dos jardins que deleitam o olfacto, a verdura das hortas que encantam a vista que se estende descortinando campos e horizontes largos e tanta belleza que enche o espirito do homem que se maravilha diante das obras da Omnipotencia e que admira as obras d'arte que tambem é emanação sua. Este pincel, estas côres, estas sombras, este contraste de luz, estes effeitos cambiantes apresentam-nos a alma do poeta, do grande artista que tem os recessos do espirito alumados pela luz de Deus.

JACYNTHO FREIRE D'ANDRADE, nasceu em Beja em 1597, falleceu em Lisboa em 1657. Foi presbytero secular, bacharel em canones e abbade da igreja de Santa Maria de Chans no bispado de Vizeo. Fez seus estudos em Evora e Coimbra graduando-se em direito e foi a Madrid voltando provido na abbadia de N. Senhora da Assumpção de S. Bado em Traz-os-Montes, que mais tarde trocou pela primeira mencionada. Cheio de sentimentos patrioticos tomou-se de grande entusiasmo pela restauração da patria em 1640; deixando sua abbadia apresentou-se a D. João IV; desgostou-se da côrte e voltou a seu retiro.

Dedicou-se á poesia, em que não se pôde alçar a grande altura; discipulo de Marini e Gongora, ou antes, sectario do *cultismo*, concorreo para avolumar a collecção da *Phenix Renascida*. Compoz a obra em prosa que tem por titulo — *Vida de D. João de Castro, quarto visorrei da India*, offerecida ao Illm. e Revm. Sr. D. Francisco de Castro, do conselho geral do santo officio e de S. Alteza.

O immoderado emprego das hyperboles, predilecção pelas antitheses, superabundancia de hyperbatons, e estensos circumloquios, são maculas que por vezes afeam a sua aliás primorosa dicção. A longa oração de Coge-Cofár não tem nem verosimelhança, nem mesmo bom senso. A critica feita a esta obra pelo illustrado e judicioso bispo de Vizeo, D. Francisco Alexandre Lobo, parecerá nimamente severa, como pareceo ao distincto litterato e professor brasileiro Sotero dos Reis, porein, quem se não deixar tomar de enthusiasmo pelas vestes roçagantes e multicores do estylo e aquella tumidez de elocução, verá como destôa a linguagem com o caracter grave e severo do illustre varão. Todavia estes defeitos devidos á comprehensão litteraria dos seiscen-  
tistas, são indemnizados por incontestaveis merecimentos, já do assumpto, já da linguagem correctiva pura e elegante.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, de quem por mais de uma vez nos occupámos no correr deste nosso trabalho, é o escriptor que neste seculo apresenta grande numero de provas de sua alta comprehensão historica. *As Guerras da Catalunha*, e os pequenos quadros historicos denominados *Epanaphoras* revelam o criterio, e bom senso, o gosto deste poeta e prosador, que no meio de tantos elementos de perversão, poude conservar em sua integridade a pureza da escola dos quinhentistas.

## VII

### Eloquencia sagrada e epistolographia

PADRE ANTONIO VIEIRA, é a individualidade mais esplendidamente constituida, o espirito mais fecundo de quantos oradores sagrados vio a tribuna portugueza em todos os tempos; nunca os annaes da litteratura portugueza haviam registrado tão larga copia de tanta fertilidade e variedade de um orador. A vida deste homem extraordinario está ligada ao periodo politico da restauração de Portugal e ao reinado de D. João IV.

Nasceo Antonio Vieira em Lisbôa a 6 de fevereiro de 1608. ra filho de Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de

Azevedo. Tinha menos de 8 annos de idade quando veio para a cidade da Bahia, em companhia de seu pae que vinha na qualidade de secretario de Estado.

Começaram a irradiar-se muito cedo os fulgures de sua assombrosa intelligencia. No estudo de humanidades maravilhou seus proprios mestres, os jesuitas, que o attrahiram ao seu gremio contando elle apenas quinze annos de idade. Completando dous annos de noviciado, em 1625, fez sua profissão, fazendo votos de consagrar-se á catechese dos indios; tinha apenas 18 annos de idade quando foi encarregado de ridigir em lingua latina as *annuas*, exposição feita ao geral da da ordem, do estado dos negocios nas provincias, e por tal modo se houve, que foi nomeado para professor da cadeira de Rhetorica em Olinda; com 21 annos recebeu a nomeação de professor de philosophia. Como em consequencia de sua grande illustração haviam d'elle necessidade para outros misteres, annullaram-lhe os votos que fizera de dedicar-se á cathequese do gentio. Em 1635 chegando á idade canonica recebeu o presbyteriado, entregando-se ao exercicio da tribuna sagrada.

Ahi se lhe ergueo o throno onde reinou como soberano sem competidor em seus esplendidos triumphos, cabendo-lhe a suprema gloria de ser predecessor dos grande oradores sagrados da tribuna franceza \* E' notavel por seu merecimento e prioridade na ordem chronologica o sermão pregado em 1640 — *pelo bom successo das armas de Portugal contra a Hollanda*, que foi traduzido em francez pelo padre Reynal. Eis como começa :

*Exurge, quare obdormis, Domine?*

*Exurge, et ne reppellas in finem etc.*

« Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando dá fim o Propheta Rei ao psalmo quarenta e trez — psalmo que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos e occasião presente. O doutor maximo S. Jeronymo, e depois d'elle os outros exposito-

---

\* O Padre Antonio Vieira nasceo em 1603.  
 Bossuet em 1627.  
 Bourdaloue em 1632.  
 Flechier em 1632.  
 Fenelon em 1651.  
 Massillon em 1663.

res, dizem que se entende á lettra de qualquer reino, ou provincia catholica, destruida e assolada por inimigos da fé. Mas entre todos os reinos do mundo a nenhum quadra melhor do que ao nosso de Portugal; e entre todas as provincias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo quo á miseravel provincia do Brazil. Vamos lendo todo o psalmo, e em todas as clausulas delle veremos retratadas a nossa fortuna ; o que fomos, e o que somos.

Assim continua o orador a fazer applicação de cada um dos versiculos do psalmo, e segue :

« Muita razão tenho eu logo, meu Deus, de esperar que haveis de sair d'este sermão arrependido; pois sois o mesmo que creis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome; *Propter nomen tuum*. Moysés disse-vos : *ne quæso dicant* : olhai senhor, que dirão : e eu digo e devo dizer : olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os herejes insolentes com os successos prosperos que vós lhe dais ou permittis, já dizem que porque a sua que elles chamam religião é a verdadeira, por isso, Deus os ajuda o vencem; e por que a nossa é errada e falsa, por isso, nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal, porque não faltará quem os creia. Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra vossa fé? E' possível que se hão de occasionar de nossos castigos blasfemias contra vosso nome ?

« Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a lingua), que diga o herege, que Deus está hollandez ? oh ! não permittaes tal, por quem sois, não o digo por nós que pouco ia em que nos castigasseis : não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruísseis ; por vós o digo, e pela honra de vosso Santissimo nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado : *Propter nomen tuum*. Já que o perfido calvinista, de successos que só lhe merecem nossos peccados, faz argumento da religião e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua a verdadeira, veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanee de que parte está a verdade.

. . . . .

« A' seita do herege torpe e brutal, concorda mais com a brutalidade do barbaro : a largueza e soltura da vida, que foi a origem e fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo : e que pagão haverá que se converta á fé que lhe pregamos, ou que novo Christão já convertido, que se não perverta entendendo e persuadindo-se uns e outros que no herege é promiada a sua lei, e no catholico se castiga a

nossa ? Pois se estes são effeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor o castigo, justamente começado em nós, porque razão se atêa e passa com tanto damno aos que não são cúmplices nas nossas culpas? *cur iracitur furor tuus?*

. . . . .  
. . . . .

Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do mundo, formando-o com vossas proprias mãos, informando-o e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo n'elle o caracter de vossa imagem e semelhança. Mas parece que logo desde aquelle dia vos não contentastes delle, porque todas as outras cousas que creastes, diz a escriptura que vos pareceram bem : *Vidit Deus quòd esse bonum* (Gens. I—1 v.) e só do homem o não diz.

«Na admiração d'esta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso, e vacillando o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, porque agradando-vos com tão publica demonstração todas as vossas obras, só do homem que era a mais perfeita de todas, não mostrasseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e setecentos annos, a mesma escriptura que tinha calado aquelle mysterio, nos declarou que vós estaveis arrependido de ter creado o homem.... e que vós mesmo dissestes que vos pesava.... e então ficou patente e manifesto a todos o segredo que tantos tempos tinheis occultado.»

Nesse mesmo anno de 1610 chegou a Bahia a noticia da aclamação de D. João IV e foi o Padre Viera mandado a Lisbôa com D. Fernando de Mascarenhas para cumprimentar o monarcha. Ao chegar ao reino foi assaltado por uma tempestade no mar, e em terra correo perigo, porque o povo se amotinou contra Mascarenhas por haverem parentes seus adherido á causa do governo intruso.

Foi sempre subidamente brilhante a figura que fez o eximio orador. No dia 1 de Janeiro de 1642 pregou perante a côrte na capella real de Lisbôa, e ficou logo firmada a reputação de seus estupendos dotes oratorios. O rei distinguio-o honrando-o com a nomeação de pregador regio e mestre do principe, isso causou ciumes entre seus proprios confrades; foilhe offerecida uma cadeira episcopal, tudo recusou o virtuoso e benemerito jesuita. Era frequentemente consultado pela corôa. Propôz a organisação de duas companhias de commercio e plantio de drogas da India, no Brazil, bem como a compra de quinze fragatas, levantando por seu credito um emprestimo de trescentos mil cruzados. Foi enviado em missões

1.622.850 RA 25/08/2022



importantes a paizes estrangeiros, colhendo sempre os mais vantajosos resultados.

Em 1652 voltou ao Brazil em obediencia ás ordens dos superiores da companhia. No Maranhão entregou-se a catechese dos indios, com o maior aproveitamento, demorando-se seis annos n'esse meritorio e arriscado serviço. Foi insultado, preso e remettido para o reino, pelos colonos que não podiam tolerar a propaganda da liberdade dos indios de que Vieira era acerrimo apostolo.

Chegando a Liébôa havia morrido D. João IV, a viuva regente não lhe mostrou o mesmo affecto que seu finado esposo. Sua eloquencia venceu as prevenções; pregando no dia de reis na capella real (1662) pintou por tal modo o captiveiro e oppressão dos indios, que commoveu o auditorio e a rainha mudou o governador do Maranhão e restabeleceu as missões. Demorou-se em Portugal, tendo sempre ingerencia e parte preponderante na politica. Soffreu alguns desgostos e um processo que lhe moveu a Inquisição por suppostas heresias.

Posto em liberdade foi restituído a todas as suas honras e privilegios, continuando a fulgurar na tribuna sagrada, pregando por essa epoca o notavel sermão de S. Ignacio. Uma das mais esplendidas cordas de sua gloria.

. . . . .  
« *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum sum (Luc XII).*

Exclama elle e prosegue :

« Admiravel é Deus em seus santos; mas no santo que hoje celebra a igreja é singularmente admiravel. A todos os santos manda Christo n'este Evangelho que sejam semelhantes a homens: *et vos...* Mas assim como ha grande differença de homens a homens, assim vae muito de semelhanças a semelhanças. Aos outros Santos manda Christo que sejam semelhantes aos homens, que servem aos senhores da terra: a Santo Ignacio manda-lhe Christo que seja semelhante aos homens que serviram ao Senhor do ceo. Quanto vae do ceo á terra tanto vae de semelhança a semelhança. Aos outros Santos metteo-lhes Christo na mão este Evangelho e disse-lhes: servi-me assim como os homens servem aos homens: a Santo Ignacio metteu-lhe na mão um livro das vidas de todos os Santos, e diz-lhe: Serve-me assim como estes homens me serviram a mim. Foi o caso. Jazia Santo Ignacio (não digo bem) Jazia D. Ignacio de Loyola mal ferido de uma bala franceza

no sitio de Pamplona; e picado como valente, de ter perdido um castello fabricava no pensamento outros castellos maiores, pelas medidas de seu espirito. Já lhe parecia pouca defenza Navarra, pouca muralha os Pyrneos, e pouca conquista França. Considerava-se capitão, e hespanhol, e rendido; e a dor lhe trazia á memoria, como Roma em Scipião, e Cartago em Annibal, foram despojos de Hespanha: os Cidos, os Pelayos, os Viriatos, os Lusos, os Geryões, os Hercules, eram os homens com cujas semelhanças heroicis o animava e inquietava a fama, mas ferido da reputação da patria, que das suas proprias feridas.

« Cansado de lutar com pensamentos tão vastos, podio um livro de cavallerias para passar o tempo; mas, oh providencia divina! Um livro que só se achou, era da vida dos Santos. Bem pagou depois Santo Ignacio em livros o que deveu a este. Mas vêde quanto importa a lição dos bons livros. Se o livro fôra de cavallerias, sahiria Ignacio um grande cavalleiro, foi um livro de vidas de santos, sahiu um grande santo, se lêra cavallerias, sairia Ignacio um cavalleiro da ardente espada: leu vida de santos, saiu um santo da ardente tocha. Toma Ignacio o livro nas mãos le-o, ao principio com dissabôr, pouco depois sem fastio, ultimamente com gosto, e d'alli por diante com fome, com aneia, com cuidado, com desengano, com devoção: com lagrimas. »

Dirigio-se o nosso Antonio Vieira a Roma, (1669) os jesuitas e os portuguezes residentes nesta cidade o receberam com todas as demonstrações de affecto e veneração. Na cidade eterna subio o grande orador algumas vezes a tribuna sempre coberto de mercedos applausos.

Teve a immensa gloria de orar na bazilica do Vaticano perante o summo pontifice Clemente X e de Christina rainha da Succia. No meio de tantos triumphos e de tantas acclamações, não quiz ficar em Roma e regressou á patria, voltou para a Bahia, e ahi chegando foi habitar a *quinta do Tanque* pertencente á Ordem. Continuou no ministerio da predica. Foi nomeado provincial dos jesuitas do Brazil (1688).

E' pasmosa sua actividade, em tão adiantada idade era solícito no cumprimento de seus multiplos deveres. Enfraquecido da vista e do ouvido e com quasi noventa annos de idade e setenta e cinco de profissão falleceu na cidade da Bahia a 18 de julho de 1697.

Teve sollemnes exequias em que tomaram parte todas as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares. Possuia Vieira a vehemencia de

Demosthenes com a delicadeza de Cicero e os recursos oratorios de S. João Crysostomo. E' porem muitas vezes paradoxal, amigo de subtilezas no dizer, amiudado nas antitheses que buscava d'industria e manejava os trocadilhos, difficultando uma ou outra vez a facil intelligencia de suas clausulas aliás sempre ordenadas, euphonicas e harmoniosas.

Como linguagem seus escriptos são verdadeiramente classicos, pela pureza, collocação, correção, elegancia e condições de construcção perfeitamente vernacula.

Diz o grande Luiz Antonio Verney. « O Padre Vieira foi um grande talento, de extraordinaria facilidade para se explicar, fallou muito bem a sua lingua ; nos sermões deixou-se arrebatado pelo estylo de seu tempo, nos seus sermões não se achará artificio algum rhetorico nenhuma eloquencia que persuada. Muitos que gostam daquellas galanterias, lendo-as, sahiriam divertidos mas não persuadidos. »

Como as de Cicero, são as cartas de Antonio Vieira uma especie de auto-biographias ; n'ellas como é de razão, a linguagem é mais chã e natural, elegantes na elocução, e importantes nos assumptos.

Foram tambem pregadores distinctos neste seculo os Padres Balthazar Paes, Balthazar Limpo, Frei Filippe da Luz, Frei Christovam de Lisbôa, Padre Luiz Alvares, Dr. Francisco Fernandes Galvão, Frei Antonio das Chagas, o Padre Manoel Bernardes e outros.

## VIII

### Litteratura Brasileira

Em 22 de Abril de 1500, Pedro Alvares Cabral, que navegava para as Indias com o fim de continuar a empreza de Vasco da Gama, desviando-se das calmarias da côsta d'Africa, afastou-se para Oeste e descobriu uma vasta região desconhecida, de que tomou posse em nome do rei de Portugal. Esse immenso e fertilissimo territorio foi chamado a terra de

Vera Cruz, ou Santa Cruz como a chama Pero de Magalhães Gandavo na sua—*Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgamente chamamos Brazil*, impressa em Lisboa em 1576. Esse inopinado e opulentissimo descobrimento veio sem duvida confirmar o epitheto de *afortunado* ao rei D. Manoel, que então occupava o throno portuguez, já tão afamado por suas heroicas conquistas d’Africa e d’Asia. Tudo era esplendido e magestoso neste bem fadado paiz. A placidez dos mares que bordam suas costas, o remanso de suas enseadas, a estensão e uberidade de suas terras chãs, a proceridade e allivez de suas montanhas, as catadupas fragorosas que se arrojam de seus pincares altanados, a primavera eterna da região intertropical, as flores, os fructos, os passarinhos e tão magnifica e grande cópia de bellezas, faziam da terra descoberta um symbolo do paraizo terreal.

Cumpre porem dizer-se que seu estado ethnico era miserrimo e contristador. Hordas selvagens e anthropophagas, inimigas reciprocas, bravias e errantes, indomaveis na ferocidade de sua vingança, eivadas das mais estranhas e extravagantes superstições, como agouros e diabolismos, constituíam as raças aborigenes da vasta região encontrada e descoberta pelos portuguezes. Estes occupados com as conquistas d’Africa e d’Asia deixaram o novo paiz da America esquecido por mais de trinta annos. Só depois de firmado o dominio de Portugal nas conquistas, é que el-rei D. João III, que reinou de 1521 até 1557, começou a cuidar no Brazil, dando-o para ser colonisado a seus guerreiros e servidores, repartindo com elles as terras em donatarias, dando-lhes cartas, foraes e privilegios, sendo os primeiros donatarios Martin Affonso de Souza, Duarte de Albuquerque Coelho, Vasco Fernandes Coitinho e varios outros que foram fundando povoações e cidades nas melhores enseadas do continente brazilico. Estes donatarios em luta constante contra as aggressões dos naturaes e de estranhos, não puderam fazer prosperar seus estabelecimentos, quando em 1549, el-rei chamou á corôa estes dominios, indemnisando os proprietarios, e abolindo as donatarias. Foi Thomé de Souza nomeado primeiro capitão e governador geral do Brazil. Prompta a nova expedição colonisadora da Bahia, partiu de Lisboa no 4º de Fevereiro e chegou a seu destino a 29 de Março do mesimo anno mencionado. A’ vista do que fica exposto claro é que nem vislumbre da mais

rudimentar litteratura podia existir. Com o benemerito governador vieram os verdadeiros civilisadores do vastissimo continente brazilico. O padre Manoel da Nobrega e seus companheiros os padres João de Aspicuelta, Antonio Pires, Leonardo Nunes e os irmãos leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, e pouco depois José de Anchieta, Luiz de Gran e outros, apóstolos e missionarios do novo mundo foram os verdadeiros evangelisadores, e prophetas viram diante de si e atravez dos seculos a grandeza esplendida e a maravilhosa prosperidade do fertilissimo continente da America que o acaso deparára para corôa das glorias portuguezas. Foi a Bahia a sêde do governo geral do Brazil. Dos claustros partiram os eremitas para a cruzada civilisadora; os jesuitas foram os primeiros que plantaram as sementes primitivas das lettras no solo barbaro e virgem do paiz descoberto e dominado pelos portuguezes. Fundaram escolas e collegios nas aldêas, aprenderam a lingua dos naturaes, e muito de lamentar-se é que se lhes malograsse o intento de estabelecer escolas da lingua tupy com o intuito de reduzirem a um idioma culto os varios dialectos dos indigenas, em que alguns dos missionarios tornaram-se tão habéis que nelles compunham canções como o padre Anchieta e o padre Navarro cognominado *Orpheo brazilico*.

Grande perda foi para nós, sem duvida que estes primeiros e tão prestantes missionarios não investigassem o sentido occulto das fabulas que constituíam a theogonia dos aborigenes, desvendando-nos o symbolismo das lendas e usanças que tantos mysterios deviam encerrar e que seriam para a nossa litteratura fontes opulentissimas de tradições hoje totalmente ignoradas.

A litteratura brasileira, pois, começou sob os auspicios da igreja, foram os missionarios christãos que semearam e fecundaram os primeiros germens; eram os unicos que possuíam cultura litteraria e que tinham interesse em propagal-a para suas conquistas espirituaes e intellectuaes; os outros colonos soldados e aventureiros, sem instrução, apenas cuidavam de melhorar sua condição, tentando fortuna e posse de bens, e grande parte d'elles constava de crimmosos condemnados a degredo.

O primeiro estabelecimento de instrução superior fundado no Brazil foi o da Bahia em 1543, o segundo foi em Piratininga em 1554, onde se ensinava grammatica latina e elementos de theologia, destes

institutos primordiales sahiram os primeiros humanistas e poetas formados no Brazil, entre outros o franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564, autor de uma historia do Brazil, ainda inedita, *Chronica da Custodia do Brazil*, seu compatriota o padre Domingos Barboza, autor de uma poesia sobre a Paixão, os dois irmãos Martinho e Salvador Mesquita, dos quaes o primeiro fez imprimir em Roma muitos livros (1662—1670) o segundo deixou tragedias em latim e um drama religioso; e ainda podemos citar o padre Manoel de Moraes, da provincia de S. Paulo, celebre por seus trabalhos historicos e por seu fim tragico.

Procuravam os jesuitas ganhar a juventude attrahindo-a pelo agrado para chegarem por este modo á benevolencia e affecto dos paes, já com festas escolares, já amestrando-a na musica.

Em sua *Narrativa Epistolar*, diz Fernão Cardim. « *Pelas aldeas, dos filhos dos indios já muitos tingiam flauta, viola, oravam e officiavam missa com canto de orgão; coisa que os paes estimavam muito.* » De outro recurso lançaram mão os jesuitas para attrahir e civilisar os catechumenos, das representações theatraes, que transplantaram de seus collegios de Coimbra e Évora para a Bahía, Pernambuco, S. Vicente e Rio de Janeiro. Com quanto para alguns fins servisse a fórma dramatica introduzida pelos jesuitas, não foi de bom aviso, semelhante genero introduzida no Brazil, então paiz em estado primitivo, quando esta fórma é privativa dos povos em seu maior gráo de civilisação; ficando por esse modo a litteratura brasileira sem cunho de nacionalidade, procurando as fórmas arcadicas, já desluzidas, desconhecendo suas lendas e tradições.

Quasi mais nada possuímos dos primeiros ensaios da poesia feitos no Brazil do fim do seculo XVI ao começo do seculo XVII, apenas algumas canções populares (modinhas) tão antigas, que podem ser attribuidas á este periodo primitivo.

A historia do desenvolvimento, da civilisação e da litteratura do Brazil provém do contacto de uma civilisação anterior, e de povos selvagens; foram os conquistadores que a trouxeram, pois que os indigenas, barbaros, não participaram da cultura que se lhe seguiu, senão misturando-se com os seus dominadores. E' por isso que a civilisação americana é pouco natural e menos original. As tribus selvagens e antrope

phagas da America, não eram tão susceptíveis de cultura como as nações germanicas que invadiram o imperio romano, ellas não tinham como estas um genio capaz de remontar-se á corrente de uma civilisação mais antiga, e de communicar-lhe um elemento novo.

Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopoea*, o primeiro poeta brasileiro na ordem chronologica.

Pero de Magalhães Gandavo, autor da *Historia da Provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil*.

Gabriel Soares de Souza, auctor do *Tractado Descriptivo do Brazil em 1587*, e Fernão Cardim, que escreveu a *Narrativa Epistolar*, pertencem ao seculo XVI, e por isso apenas os mencionamos, tendo de tractar exclusivamente do seculo XVII.

MANOEL DE MORAES, jesuita, nascido na provincia de S. Paulo pelos fins do seculo XVI foi autor de uma *Historia da America*, infelizmente perdida. Era este nosso infeliz compatriota, homem de grandes talentos e erudição. Consta que fôra expulso da companhia de Jesus, por irregularidades de vida, que abjurára a religião catholica, abraçando o calvinismo e estabelecendo-se em Amsterdão, e que voltando de novo ao catholicismo e regressando á Lisbôa fôra garroteado no auto de fé em 15 de Dezembro de 1647.

O cathalogo dos poetas brasileiros importantes, cujas obras conhecemos, começa nos dois irmãos Mattos, ao mesmo tempo representando um o decóro e gravidade da poesia, o outro o comico e picaresco; sua vida como seus escriptos formam a mais acabada contraposição. Ambos receberam esmerada educação de seus paes Gregorio de Mattos e Maria da Guerra; cursaram ambos o collegio dos jesuitas na Bahia e distinguiram-se entre seus condiscipulos.

EUSEBIO DE MATTOS, nasceo na Bahia em 1629; conhecendo os jesuitas seus grande talentos o attrahiram a si e professou em 1644, dedicando-se á tribuna sagrada. Falleceo em 1662.

Passou sua honrada vida nos deveres do pulpito do magisterio e do confessionario, deixando em todos esses lugares a mais bem fundada reputação por suas luzes e pureza de costumes. Attribuem-se-lhe algumas poesias de merecimento; mas como vieram á lume confundidas com as de seu irmão Gregorio, o finado barão de Porto Se-

guro, no seu *Florilegio* da-as sob a rubrica de—litigiosas—. Podem porém facilmente separar-se por seu caracter de unção e piedade que tanto destôa das de seu irmão. O pulpito foi a verdadeira gloria deste insigne brasileiro, só excedido pelo grande Antonio Vieira. Suas praticas pregadas no collegio da Bahia ás sextas-feiras ás noites, em que se mostrava o *Ecce Homo*, foram reunidas em um volume de 4º e impressas em Lisboa no anno 1677. São ainda deste distincto brasileiro o *Sermão da Soledade* e *Lagrimas de Maria Santissima*; tomando elle o nome de Frei Eusebio da Soledade; compôz mais, a oração funebre do bispo do Brazil D. Estevão dos Santos, e uma collecção de quinze sermões impressos por diligencia de Frei João de Santa Maria, que no prologo qualifica o seu confrade de engenho singularmente fecundo em todo o genero de lettras divinas e humanas. O abbade Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* falla deste insigne pregador com o maior elogio, era elle poeta vulgar e latino, musico, desenhista e grande arithmetico.

Dizia o padre Antonio Vieira, que Deus fizera este homem em tudo grande e que não fôra mais por não querer.

Eis alguns trechos de poesias do autor a quem nos referimos :

#### AO ECCE HOMO

Hoje, que tão demudado  
 Vos vejo, por meo amor,  
 Espero, emfim, meo senhor,  
 Me hei de ver por ganhado.  
 Satisfazei meo cuidado,  
 Já que assim vos chego a ver ;  
 Pois só vós podeis fazer,  
 No mal que sentindo estou,  
 Que deixe de ser quem sou,  
 E seja como heide ser.

. . . . .

Dispam-se contentos vãos,  
 Loucuras, cegas vaidades ;

Atem-se as mãos ás maldades  
 Se a bondade lhe atam mãos :  
 Fiquem pensamentos sãos  
 E a soberba se desfaça :  
 No peito a humildade nasça ;  
 Morra a culpa, que me priva ;  
 Porque não é bom que eu viva  
 Quando morre o autor da graça.

.....  
 Hoje me guia o destino  
 A amar-vos ; que não é bom  
 Tenha amor grosseiro a quem  
 Tem em vós amor tão fino :  
 Pois, quando a amar-vos me inclino,  
 Maior culpa amada pronda,  
 Para amar-vos sem emenda ;  
 Porque vendo esse amor vosso,  
 Se offender-vos ver não posso  
 Como é bem que vos offenda ?

A SOLEDADE DA VIRGEM MARIA

Nos braços do occidente agonisava  
 Em cristalino leito o pae do dia ;  
 E a noite o negro manto desatava,  
 E de pallidas sombras se vestia :  
 Quando a sentir saudades se apartava  
 Do melhor sol a aurora de Maria ;  
 Acompanhando-a em seus mortaes retiros  
 Ancias, penas, cuidados e suspiros.

.....  
 Vendo sem luz o sol que o mundo adora,  
 Murchado prado a flor mais peregrina,  
 Ficou sem luz a mais suprema aurora,  
 Sem resplendor a estrella matutina.  
 Nas saudosas lagrimas que chora,  
 Firme levanta os credits de fina,  
 Porque menos de dor a dor tivera  
 Se o pranto um só suspiro interrompera.

.....

Tornada a rosa em candida assucena,  
 Publica a vossa dor vosso semblante ;  
 A quem o coração, de magoa e pena,  
 Mil correios envia a cada instante.  
 Que suspireis, senhora, o amor ordena  
 Pelo querido filho, o doce amante :  
 Suspirae Virgem pura ; que eu bem vejo  
 Ser pena o suspirar, porque é desejo.

Já sem acção nenhuma de vivente  
 Vos tem a triste dor, que o peito encerra,  
 Padecendo na lastima presente,  
 Em companhia de amor, saudosa guerra.  
 A vossa dor a morte não desmente ;  
 E a vossa pena a vida não desterra :  
 Que viva estaes, da pena magoada ;  
 E morta, porque a vida está apartada.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA — foi sem duvida o mais celebre poeta d'esse periodo, nascido na cidade da Bahia a 20 de Dezembro de 1633, fez seus primeiros estudos no collegio dos jesuitas em sua provincia natal, dirigindo-se depois para a universidade de Coimbra onde se formou em direito, nessa universidade fez-se notavel desde o principio pela vivacidade do espirito e pelo genio satyrico.

O desembargador Belchior da Cunha Brochado, escrevendo a um amigo, acerca d'este brasileiro dizia : « Anda aqui um estudante brasileiro, tão refinado na satyra que com suas imagens e seus tropos, parece que baila momo ás cançonetas de Apollo. » Concluindo brilhantemente sua carreira despedio-se de Coimbra onde se demorára sete annos, fazendo por essa occasião algumas poesias satyricas. Veio para Lisbôa estabelecendo-se como advogado, em cujo mister houve-se com talento distincto, exerceo cargos de magistratura como, o de juiz do crime e de orphãos, e consta que recusára o lugar de desembargador para vir ao Rio de Janeiro syndicar da administração de Salvador Correa de Sá, que tinha deixado o governo em 1661. Esta recusa lhe acarretou o desfavor do principe, regressando á patria sendo ahi nomeado thesoureiro mór da cathedral e vigario geral do arcebispado por D. Gaspar Barata de Mendonça, conservando estes empregos unicamente em vida deste seu

protector, pois que apenas tomou conta da diocese D. João da Madre de Deus pedira exoneração do emprego, ou por se não conformar com o caracter de D. João, ou por se haver malquistado no exercicio de suas funcções. Segundo outra versão o prelado movido contra elle pelo grande numero de inimigos que contra si havia acarretado por suas incessantes e ferinas satyras o destituiu do emprego sob o pretexto de que Mattos se recusára a tomar as ordens sacras.

Voltou pois ao exercicio da advocacia onde grangeou vida modesta para sua mulher e seus filhos, que dizem, se chamavam todos Gonçalos; sua mulher era uma senhora viuva honesta porem pobre. A anecdotas que se conta de Gregorio de Mattos com sua mulher e que deu occasião a uniformidade do nome dos filhos, e do que nos dá conta o conego Januario da Cunha Barbosa, é tão impertinente e vilipendiosa para o character deste homem que não temos duvida em omittil-a. A monomania da maledicencia era congenita em sua individualidade, não poupava a quem quer que fosse, na mordacidade de suas satyras pungentes e pessoaes. Sua propria mulher, seus amigos, seus protectores qualquer que fosse sua gerarchia social, eram victimas de seu espirito maldizente e caustico. D. João de Alencastre que era governador da Bahia, apreciando-lhe e mandando registrar em livro as satyras deste Juvenal brasileiro, foi por elle ferido com violentos epigrammas, e desterrou-o para Angola, recommendando-o todavia a Pedro Jacques de Magalhães, capitão-general d'aquelle presidio.

Por um serviço ahi prestado em occasião de um tumulto popular, teye licença para voltar ao Brazil e foi residir em Pernambuco em amargurada velhice, dando-lhe o governador Caetano de Mello e Castro, asylo e uma pensão, impondo-lhe a condicção de não continuar a fazer satyras; preceito que esteve quasi a quebrar por occasião de uma contenda entre umas mulheres de má vida, scena que se passára diante d'elle. Falleceu em 1695 com 73 annos de idade. Segundo a opinião do conego Januario, as poesias de Gregorio de Mattos formam 6 grossos volumes de 4° que por sua desenvoltura não podiam ser dadas á estampa. Segundo Innocencio Francisco da Silva, na bibliotheca de Lisboa existe um grosso volume tambem de 4° contendo grande porção de poesias; possuindo elle proprio dois volumes precedidos da vida e morte do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello.

Era Gregorio de Mattos temido por sua habitual e conhecida maledicencia e por tal chamado—bocca do inferno. Atirava-se á satyra pessoal não poupando nem os defeitos physicos.

Entre suas numerosas satyras merecem especial menção a dos *Namorados* dirigida a Antonio da Camara, desenhando com primor os costumes da Bahia; a que tem por titulo —*Marinicolas*. — *As Verdades Miudas*, são farpas agudissimas arrojadas contra alguns vicios e ridiculos da sociedade contemporanea, o *Dialago entre o demonio e a alma*, parodiando uma modinha que então se usava, revela a musa popular e é de notavel simplicidade. Gregorio de Mattos nasceu poeta e era-lhe irresistivel a manifestação do seu genio satyrico; sua forma era descuidada, ainda que facil na versificação, cahe muitas vezes na trivialidade. Entre as excentricidades deste poeta vê-se que elle imitou alguns poetas hespanhoes e particularmente a Francisco Quevedo y Villegas, grande poeta satyrico de Madrid, fallecido em 1645. Restaurou o verso de dez syllabas que a antiga poesia portugueza tinha recebido da provençal. Este verso começou a ser chamado—verso de Gregorio de Mattos.

#### AOS NAMORADOS

O namorado todo almiscarado,  
 Já de amor obrigado,  
 Faz á dama um poema em um bilhete,  
 Covarde o faz, e tímido o remette:  
 Se lhe responde branda, alegre o gosta,  
 E se tyranna, estima-lhe a resposta.

Vae n'outro dia passear a dama  
 Por quem se inflama,  
 E sendo o intento ver a dama bella,  
 Passa-lhe a rua, não lhe vê janella  
 Que está primeiro, em um galã composto,  
 O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros,  
 De desdens e retiros,  
 Despresos, desapegos, desenganos,  
 Constancia de Jacob, serviços de annos,

Fazem com que da dama idolatrada  
Lhe vom recado, em que lhe dá entrada.

. . . . .

E' modo amor, que nunca teve modo?

Amor é excesso todo;

E nessa mão de neve transparente,  
Pouco pede quem ama firmemente,  
Dai-me por mais fineza, que os favores  
São leite e alimento dos amores.

Responde-lhe ella, co' um brando sorriso,

E no mesmo improviso :

— Ai! lhe diz, que acordou meu pae agora!

Amanhã nos veremos, ide embora! —

Feixa a janella, e o moço mudo e quedo.

Fica sobre um penedo outro penedo.

PADRE ANTONIO DE SA' nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1620 e nella fallecido em 1678.

Aos doze annos de idade entrou para a companhia de Jesus e ali fez seus estudos merecendo sempre o maior conceito. Foi escolhido pregador regio, cargo summamente ambicionado e que conferia muitas prerogativas; cre-se que fôra discipulo de Vieira. O abbade Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* tece-lhe os mais esplendidos elogios. Sua linguagem é correcta, estylo brilhante, imagens cheias de vivacidade e filhas de uma imaginação poetica; porém é abundante em lugares communs, trocadilhos e conceitos de requintado gongorismo.

O sermão do dia de Cinza pregado em Lisbôa, na capella real, é una perfeita amostra dos conceitos e trocadilhos do *culteranismo* de Marinni e Gongora. Julgue-se por estes trechos :

- « Que é o amor, senão um inferno com fogo sem eternidade? »
- « Que são os gostos, senão ciladas dos prazeres? »
- « Que são os deleites, senão remanços enlodados? »
- « Que são riquezas, senão maré do oceano? »
- « Que são amisades, senão lisonjas da herva do sol? »

« Que é finalmente a côrte senão uma roda arrebatada, onde atados de seus desejos volteam os cortesãos miseravelmente atados? »

Diz delle ainda o abbade Barbosa Machado : « Toda a fama merecida por seu insigne talento despresou heroicamente e foi para o Brazil a tomar parte nas missões. Seus sermões foram colleccionados n'um volume, por Miguel Rodrigues e impressos em 1750. E' hoje esta obra extremamente rara. »

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA, foi o primeiro brasileiro que tratou de imprimir suas obras poeticas. Nascceu na cidade da Bahia em 1636. Seu pae o capitão de infantaria Antonio Alvares de Oliveira, enviou-o para Coimbra onde se formou em direito, sendo contemporaneo de Gregorio de Mattos, em cuja companhia occupava-se de poesia, fazendo versos em portuguez, latim, italiano e hespanhol, idiomas que conhecia perfeitamente, seguindo a escola de Gongora que então dominava. Voltou á patria onde com muita honestidade e grande saber exerceu a advocacia; occupando cargos da governança da terra, e falleceu em 5 de Janeiro de 1711. Foi este distincto e honrade brasileiro, o primeiro que comprehendeu os elementos nativos de seu paiz para os quadros da poesia nacional e teve a intuição de sua importancia para a independencia e naturalisação da litteratura brasileira.

Reunindo varias poesias, tanto as que compozera na juventude, como as de annos mais reflectidos, enviou-as para Lisbôa em 1703, sendo impressas e vindo a lume em 1705, sahindo da officina de Miguel Manescal, impressor da Inquisição. Formam um volume em 4º de 340 paginas sob o titulo gongorico de— *Musica do Parnaso, dividida em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com o seu descante comico reduzido em duas comedias.*

E' importante a dedicatoria do livro deste nosso compatriota, em que não só se justifica do arrojo mostrando como as musas se fizeram brasileiras, mais ainda que no paiz existiam já outros poetas. Foi o nosso poeta sectario da escola de Gongora, ostentou immoderada erudição, o que porém lhe assegura distincto lugar na litteratura brasileira é o profundo sentimento nacional e a côr local de que reveste

as suas poesias. E' tão vernaculo em sua elocução, que a Academia Real das sciencias de Lisbóa incluiu-o no cathalogo dos classicos portuguezes. A excellente descripção da *Ilha da Maré*, é de cunho verdadeiramente nacional, esmaltada com a pintura de nossos peixes, plantas, fructos, legumes e flores.

FRAGMENTOS DA ILHA DA MARÉ

Jaz em obliqua fórma e prolongada  
A terra de Maré, toda cercada,  
Do Neptuno, que tendo o amor constante,  
Lhe dá muitos abraços por amante ;  
E botando-lhe os braços dentro della  
A pretende gosar por ser tão bella.

Nesta assistencia tanto a senhorêa,  
E tanto a galantêa,  
Que do mar de Maré tem o appellido,  
Como quem présa o amor de seu querido :  
E por gosto das prendas amorosas  
Fica maré de rosas,  
E vivendo nas ancias successivas,  
São do amor marés vivas,  
E se nas mortas menos a conhece,  
Maré de saudades lhe parece.

. . . . .

Erguem-se n'ella oiteiros  
Com suberbas de montes e altaneiros,  
Que os valles por humildes despresando,  
As presumpções do mundo estão mostrando,  
E querendo ser principes subidos  
Ficam os valles a seus pés rendidos.

. . . . .

Os pobres pescadores em saveiros  
Em canôas, ligeiros,  
Fazem com tanto abalo

Do trabalho merito e regalo ;  
    Uns as redes estendem,  
E varios peixes por pequenos prendem ;  
Que até nos peixes com verdade pura  
Ser pequeno no mundo é desventura :  
    Outros no anzol dados  
Tem aos miseros peixes enganados.  
Que sempre de vil isca cubiçosos  
Perdem a propria vida por gulosos.

. . . . .  
Não falta aqui marisco saboroso,  
Para tirar fastio ao melindroso ;  
    Os polvos radiantes,  
    Os lagostins flamantes,  
    Camarões excellentes,  
Que são dos lagostins pobres parentes ;  
    Retrogradados e'ranguelijos  
Que formam pés das bocas com festejos,  
    Ostras que alimentadas  
Estão nas pedras onde são geradas  
Em fim tanto marisco em que não fallo,  
Que é vario perrexil para o regalo.

. . . . .  
A laranja da terra,  
Poucas asedas são, antes se encerra  
    Tal doce nestes pomos  
Que o tem clarificado nos seus gomos ;  
Mas as de Portugal entre alamedas  
São primas do limão todas asedas.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

O beyjú regalado  
Que feito tenro por curioso amigo,

Grande vantagem leva ao pão de trigo.  
 Os aypins se aparentam  
 C'o a mandioca, o tal favor alentam,  
 Que tem qualquor, cosido ou seja assado  
 Das castanhas da Europa o mesmo agrado  
 O milho que se planta sem fadigas,  
 Todo o anno nos dá faceis espigas,  
 E é tão fecundo em um, o em outro filho,  
 Que são mãos liberaes as mãos de milho,

. . . . .  
 Tenho explicado as fructas e legumes,  
 Que dão a Portugal muitos ciumes,  
 Tenho recopilado  
 O que o Brazil contem para invejado,  
 E para preferir a toda terra,  
 Em si perfeito quatro A A encerra,  
 Tem o primeiro A, nos — arvoredos —  
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos ;  
 Tem o segundo A nos — ares — puros  
 Na temperie agradaveis o seguros ;  
 Tem o terceiro A nas — aguas — frias  
 Que refrescam o peito, e são sadias;  
 O quarto A no — assucar — deleitoso,  
 Que é do mundo o regalo mais mimoso,  
 São pois os quatro A A por singulares,  
*Arvoredos, assucar, agoas, ares.*

Eis como Manoel Botelho de Oliveira comprehendeo a nacionalisação da poesia americana, antes que nenhum outro deste ou de estranhos paizes o tivesse feito ; cabe-lhe a gloria d'essa intuição. Vidente das grandezas do futuro, por entre desertos invios abriu estrada larga e bem arroteada por onde, cerca de um seculo mais tarde haviam de ir em romaria e bem auspiciados José Bazilio da Gama e Santa Rita Durão, trazendo-nos nas mãos aquelles quadros formosos em cujas telas se desenhavam os segredos, os usos, costumes e crenças dos rudes habitantes das terras virgens do futuro imperio.

Só as lendas e tradições populares podem fazer nacional uma litteratura. São a nosso ver as descripções o caminho mais claro e certo para a grande officina onde se encontram os pinceis e as cores para dar physionomia e caracter local a cada um dos immensos e magestosos quadros da natureza. Assim o comprehenderam os poetas hebreos inimitaveis até hoje na pintura de seu paiz, assim o tem comprehendido os modernos reformadores da litteratura, indo buscar nas tradições esquecidas pelo renascimento os elementos de vida e de energia para a litteratura nos tempos novos. E' pois este poeta brasileiro digno da nossa consideração como o propheta, que desde aquelles tempos tão primitivos e distanciados para a geração hodierna, veio revelar-nos o segredo dos elementos para a nacionalisação das letras patrias.

